

## GRUPO FOCAL NA PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

**Bernarda Elane Madureira Lopes\***

---

GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas*. Brasília: Liber Livro 2005.

---

A obra escrita por Gatti discorre sobre o trabalho com grupo focal enfatizando que a técnica é muito utilizada nos trabalhos de abordagens qualitativas em pesquisa social. Nesse viés, existem casos em que o grupo focal pode ser utilizado como único instrumento de coleta de dados, como também há casos em que não é utilizado como principal técnica de coleta de dados, e sim como uma técnica exploratória utilizada na etapa inicial da pesquisa ou na etapa final. O grupo focal também pode ser utilizado para apoiar a construção de outros instrumentos de investigação como a observação. Essa flexibilidade, no entanto, não diminui sua importância, visto que tal instrumento permite, ao pesquisador, compreender os processos de construção da realidade vivenciada por determinados grupos sociais, assim como compreender práticas cotidianas, atitudes e comportamentos prevalentes no trabalho com alguns indivíduos que compartilham traços em comum, relevantes para o estudo e investigação do problema proposto. O uso dessa técnica de investigação deve ocorrer de forma criteriosa e coerente com os objetivos da pesquisa.

O livro está dividido em cinco capítulos e tem como objetivo contribuir para o avanço teórico sobre o trabalho com grupos focais, o primeiro capítulo apresenta uma introdução sobre o grupo focal; no segundo capítulo a autora

---

\* <sup>1</sup>Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia. [elanemadureira@yahoo.com.br](mailto:elanemadureira@yahoo.com.br)

trata sobre a organização e desenvolvimento do trabalho com grupos focais; o terceiro aborda a análise dos dados obtidos; o quarto capítulo versa sobre pesquisas com grupos focais e o quinto apresenta as potencialidades e limitações com essa técnica de investigação.

No capítulo 1, “Introduzindo o Grupo Focal”: Gatti, afirma que a técnica de trabalho pode ser caracterizada como derivada de vários trabalhos com grupos, sendo amplamente desenvolvida na psicologia social. Powell e Single (1996, p. 449) dizem que o grupo focal é “Um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é o objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal”. Sendo que para a realização do trabalho é necessário seguir alguns critérios, tendo em vista o problema em estudo, como por exemplo, se os participantes possuem algumas características em comum, como também uma vivência com o tema em discussão.

A autora lembra que essa técnica de trabalho é usada há muito tempo, tendo seu início como técnica de pesquisa em Marketing, por volta dos anos 1920, sendo utilizado nos anos 1950 por R. Merton para estudar as reações dos indivíduos à propagandas de guerra. Foi também muito utilizada nos anos 1970 e 1980 nas pesquisas em comunicação, na avaliação de materiais diversos ou de serviços, em estudos de filmes e programas de TV, assim como em processos de pesquisa-ação ou pesquisa de intervenção. A autora ainda declara que o grupo focal é um bom instrumento de levantamento de dados para a investigação em ciências sociais e humanas, contudo o seu uso deve ser criterioso e coerente com os objetivos do estudo.

A obra deixa claro que, no grupo focal é muito importante o respeito ao princípio da não diretividade, pois o moderador ou facilitador deve conduzir a comunicação ou discussão sem interferências indevidas, como a emissão de opiniões particulares ou conclusões, todavia não será uma postura “*laissez-faire*”, visto que sua condução deve fazer fluir a discussão entre os participantes. Existe um interesse no que as pessoas pensam e expressam, e no porquê pensam dessa ou daquela forma, por isso o moderador precisa ter em mente que ele não está fazendo uma entrevista com o grupo, e sim criando condições para que os participantes atuem, efetivamente, nas discussões.

De acordo com Morgan e Krueger (1993) esse tipo de técnica de pesquisa tem como objetivo entender, a partir das trocas nas discussões no grupo, conceitos, sentimentos como também atitudes, reações etc.; de um modo específico que não seria possível captar através de outras técnicas como: a

entrevista, questionário ou a observação. O trabalho com o grupo focal permite a compreensão de contraposições, contradições, diferenças e divergências.

A pesquisa com grupos focais permite o alcance de diferentes perspectivas de uma mesma questão, permite também a concepção de processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, assim como a compreensão de práticas cotidianas, atitudes e comportamentos prevalentes no trabalho com alguns indivíduos que compartilham traços em comum, relevantes para o estudo e investigação do problema em questão. O ângulo no assunto com o grupo focal deve ser mantido, haja vista que o facilitador deve propiciar um clima aberto de forma que os participantes sintam-se confiantes para expor suas opiniões; logo, não é necessário que se faça uma preparação dos assuntos em pauta.

Essa é uma técnica utilizada com várias finalidades podendo constituir-se como elemento central da investigação e como apoio para a construção de outros instrumentos de investigação como a observação, o questionário ou a entrevista. Dessa maneira, pode ser útil em análises por triangulação e para a validação de dados. Com todas essas possibilidades de uso o grupo focal é uma técnica que apresenta alguns limites. Um dos exemplos é o cuidado que o pesquisador precisa ter com as generalizações, isso em função do trabalho com um grupo muito pequeno de participantes e a forma de seleção desses membros, sua utilização ainda exige alguns cuidados metodológicos e um certo preparo do moderador. Existem ainda algumas situações em que essa técnica não deve ser utilizada, a saber, quando o pesquisador deseja que os participantes cheguem a um consenso sobre determinado assunto, o assunto é delicado não podendo ser partilhado em grupo ou o assunto pode ofender os participantes. Não se indica também usar o grupo focal quando o ambiente estiver carregado emocionalmente, ou quando outras metodologias poderiam oferecer melhores resultados para o problema pesquisado.

No capítulo 2: “Organização e desenvolvimento do trabalho com Grupos Focais”, a autora afirma que o trabalho com grupos focais tem sua constituição e desenvolvimento em função do problema da pesquisa. Nesse tipo de investigação o pesquisador precisa ter claro o problema da pesquisa, assim como as questões para a discussão no grupo, levando para os encontros um roteiro de questões preliminar; no entanto, para que isso aconteça, ele precisa ter o assunto bem estudado, ou seja, teorizado. Esse roteiro deve ser flexível para dar condições de estimular as discussões sem perder de vista os objetivos da pesquisa. Desse modo, os participantes não precisam obter informações

detalhadas sobre o objeto da pesquisa, essas informações devem ser vagas para que os participantes não venham para o grupo com informações pré-formadas.

A autora aponta que, para a escolha ou composição dos participantes, o pesquisador precisa ter em mente, em primeiro lugar, o objetivo do estudo. Nesse contexto, o grupo deve possuir algumas características homogêneas, mas com suficiente variação para que as discussões tenham posições divergentes ou diferentes. As características comuns, por exemplo, podem ser referentes ao gênero, à idade, às condições socioeconômicas, escolaridade, etc.; já a variação referente ao grupo deve ser considerada com relação ao problema da pesquisa, ao referencial teórico e ao “para quê” se realiza aquela pesquisa.

Quando se trabalha com mais de um grupo, a autora afirma que a seleção deve contemplar a combinação homogeneidade/variação em todos os grupos ou então homogeneidade intragrupo e a heterogeneidade entre os grupos. Nesse sentido, ao trabalhar com adolescentes de 13 anos, pode-se ter um grupo desses adolescentes que mora na periferia e outro que mora no centro da cidade, ou um grupo só de meninos ou só de meninas em cada uma das regiões da cidade. É preciso ter cuidado ao se misturar em um grupo homens e mulheres, visto que, segundo a autora os homens tendem a falar com mais frequência e mais autoridade que as mulheres, podendo assim prejudicar os objetivos da pesquisa.

Com relação à análise das informações obtidas, a autora sugere que quando se quer comparar e contrastar diferentes expressões e pontos de vista, seria bom separar os diferentes componentes em diferentes grupos como, por exemplo, separar os diferentes usuários de um serviço dos não usuários, pois tanto a análise quanto as discussões fluirão melhor. Outra questão importante é com relação à ausência no grupo, mesmo que o pesquisador tenha feito um convite claro e exposto sobre a importância da pesquisa, as ausências podem acontecer; por esse motivo ele precisa preocupar-se com a forma de abordagem e convite desses participantes para que as ausências não caiam na falácia de uma pessoa representar um grupo como uma vizinhança ou representar uma cor, um gênero ou uma cultura.

O local das sessões e o registro das interações também são questões apresentadas por Gatti. Essa apresentação deve-se ao fato de que o local adequado pode proporcionar uma interação maior entre os participantes, nesse âmbito a disposição do grupo pode ser em forma de círculo. O círculo traz a oportunidade de os participantes se olharem face a face, os participantes

também podem ser dispostos em volta de uma mesa, lembrando que como o tempo do encontro pode ser longo o conforto é algo necessário para que a discussão possa fluir. Com relação ao registro, a autora apresenta algumas formas como o emprego de relatores, gravação em áudio, gravação em vídeo, sendo que mesmo que se utilize a gravação e videoteipe é recomendável que se faça anotações.

Quando a opção for por registrar através dos relatores, sugere-se que se usem dois, e que ao final da sessão faça-se uma checagem das anotações. Com relação à gravação em áudio, o pesquisador deve usar dois gravadores, deve ter cuidado ao selecionar o lugar do encontro e fazer uma boa distribuição dos participantes para que possa ter sucesso na gravação. Já a gravação em videoteipe, segundo a autora, é bastante discutível, pois poderá inibir os participantes; além disso, na gravação há uma exposição geral com relação ao rosto, gestos dos participantes, podendo comprometer a confiabilidade no tocante ao sigilo e ao anonimato dos participantes.

A autora aborda ainda nesse capítulo o papel do moderador, que poderá ser o próprio pesquisador ou outro profissional, desde que tenha experiência, seja hábil e flexível, no desenvolvimento e nas interações do processo grupal. No que se refere ao tempo da reunião do grupo, esse não deverá ser superior a três horas, deverá durar em torno de uma hora e meia, e dependendo do objetivo proposto duas reuniões seriam suficientes. Para se iniciar uma sessão, a autora sugere que o moderador faça uma apresentação breve e peça ao grupo que faça o mesmo, nesse momento o moderador pode fazer uma exposição dos objetivos do encontro, o porquê da escolha dos participantes, a forma de registro e a garantia com relação ao sigilo do nome dos participantes. Quanto ao início dos diálogos, pode-se solicitar que os participantes falem livremente sobre o tema em discussão para que, a partir dessa introdução, os outros possam começar a se envolver na discussão.

É fundamental que o moderador esteja ligado no diálogo para que possa propor tópicos mais específicos e, assim, aprofundar na comunicação com o grupo. Para o aprofundamento das questões, a autora recomenda que o moderador aproveite a conversa e faça a seguinte observação: “Uma coisa que ouvi alguns de vocês colocarem é que... Eu me pergunto o que os demais teriam a dizer sobre isto?” (Gatti, 2005.p. 31) Expressões do tipo lembro que... Então...? Surpreende-me que ninguém tenha falado sobre... Podem ajudar a retomar ou a alcançar o que não foi abordado pelos participantes.

O moderador precisa estar atento, pois pode surgir, durante as sessões, a discussão de novos temas que poderão ser discutidos ou aprofundados em outros encontros, nesse caso o moderador poderá sugerir o aprofundamento do novo tema em outra sessão ou então que retomem as ideias sobre o assunto anterior, em pauta. Ao final dos trabalhos alguns pesquisadores aplicam um questionário pequeno permitindo que cada participante escreva, individualmente, tendo a oportunidade de expor por escrito sua participação. Outros preferem dar a oportunidade para que os participantes conversem em particular com o moderador ou pesquisador, ou ainda preferem fazer o registro de alguns comentários específicos depois de terminada sessão sem a identificação do participante.

A autora também apresenta algumas técnicas de animação, a saber, o uso de cartões com afirmações relativas ao tema, um curto exercício de *role-playing*, a utilização de um jogo de perguntas e respostas breves. Todas essas atividades podem ser utilizadas tanto para iniciar a participação quanto para dar continuidade, permitindo a verificação de algumas das observações e interpretações quanto ao trabalho do grupo em relação ao tema proposto.

Com relação às interações grupais, Gatti chama a atenção para o cuidado excessivo com a operacionalização do trabalho, pois isso pode prejudicar a interação entre os participantes gerando apenas o que a autora chama de pingue-pongue entre moderador e participantes “com isso, a evocação de aspectos mais ambíguos, mais contraditórios, mais diferenciados, mais tensos, menos consensuais ou menos usuais sobre o problema, não se processa” (Gatti 2005, p.39). Essa situação acarreta, na verdade, descrições superficiais que pouco esclarecem o tema proposto. Assim, a diversidade e as interações no grupo são necessárias, uma vez que levam os participantes a argumentarem, explicarem suas ideias e sua forma de pensar atingindo o objetivo do trabalho com grupos focais.

No capítulo 3: “A análise dos Dados obtidos com o Grupo Focal”, a autora afirma que os procedimentos são os mesmos de qualquer análise de dados qualitativos nas ciências sócias e humanas. Ao iniciar um procedimento de análise, a primeira atitude é retomar os objetivos do estudo e o porquê do uso do grupo para realizar a investigação. Sendo que “os níveis de aprofundamento das análises também dependem dos objetivos e da configuração do enfoque teórico proposto no estudo”. (Gatti 2005, p. 43). Nesse viés, o foco das análises são as opiniões levantadas no jogo de influências mútuas as quais aparecem e se desenvolvem no contexto do grupo.

O primeiro aspecto a se considerar na análise é a organização do material recolhido, quando houver anotações por relatores é preciso analisar e comparar as anotações do relator com as do moderador gerando um relato mais completo que será o material básico de análise. Quando forem feitas gravações em áudio e vídeo serão necessárias transcrições para subsidiar as análises, que serão adicionadas às anotações feitas pelo moderador. A análise é um processo de elaboração e de procura de caminhos diante das várias informações coletadas, por esse motivo várias rotas de análise são seguidas, diante disso novas rotas se apresentarão, exigindo do pesquisador “um esforço para não perder de vista seus propósitos e manter a capacidade de julgar a pertinência dos rumos analíticos em sua contribuição ao exame do problema”. (Gatti 2005, p. 44). Lembrando que como ocorre com os dados qualitativos nas pesquisas sociais, o mesmo acontece com o grupo focal, não existindo um único caminho de análise dos dados, haja vista que a elaboração desse caminho está vinculada à formação teórica do pesquisador e à sua criatividade.

No começo o pesquisador pode construir um plano descritivo das falas, destacando as diferenças entre os relatos e as opiniões, isso tanto para os relatos escritos quanto para os gravados em áudio ou vídeo. Nesse caso o pesquisador deve ter uma atenção apurada, ouvindo ou revendo várias vezes o material gravado para que tenha uma transcrição mais fidedigna da situação gravada. Logo, deve fazer alguns agrupamentos em relação aos sentidos e valores percebidos, pode também fazer diferenciação entre grupos ou subgrupos segundo as variáveis destacadas no início, “com isso poderá proceder à análise de sentidos ou elaborar categorias a partir das falas, ou classificar as falas em categorias previamente escolhidas” (Gatti, 2005 p. 48).

É importante ainda ressaltar o que foi, de fato, relevante para o grupo focal mostrando as conexões e tendências existentes. Nesse contexto, se as interações no grupo foram as causas de se trabalhar com grupo focal, essas devem merecer um olhar mais detalhado do pesquisador através das falas, dos gestos, os consensos, dissensos e dos silêncios, captando com mais profundidade os sentidos que repousam sobre a dinâmica interacional que nos recortes feitos para a análise. Por esse motivo “as sequências de falas são importantes para essas interpretações, pois geram e dão respaldo as inferências dos pesquisadores”. (Gatti 2005, p. 48) Essas sequências permitem ao pesquisador analisar com mais profundidade os valores morais, religiosos, sociais, culturais, as normas, as crenças e os mitos que permeiam as interações durante as reuniões na sua relação com o problema da pesquisa. O pesquisador

precisa ter cuidado também na hora da análise com as reduções porque podem prejudicar a compreensão do problema em pauta.

Para a análise, no trabalho com os grupos focais, o pesquisador pode também proceder através de meios mais estruturados de organização de dados, nesse caso ele precisará, primeiro, eleger uma unidade de análise abrangendo o grupo como um todo ou em partes individualizadas o que ele precisa ter cuidado é que na compreensão do grupo, “cabe lembrar que não é suficiente somar as codificações processadas em nível individual. Há sempre a necessidade de interpretações que transcendem essa agregação em função de aspectos da dinâmica grupal”. (Gatti 2005, p. 51) A autora ressalta que as categorias ou os códigos poderão se definidos *a priori* ou *a posteriori*, sempre justificando o motivo da categoria de codificação escolhida. Gatti chama a atenção sobre a escolha de se quantificar categorias, expressões, relatos de experiências, visto que seu uso não é muito aceito pelos especialistas da área, no entanto o pesquisador ao escolher usar a frequência numérica, precisa considerar o que uma quantificação pode acrescentar à compreensão do problema da pesquisa. Desse modo, a interpretação dos dados deve ser realizada tendo por base o processo grupal sem perder suas características peculiares.

No capítulo 4: “Pesquisas com Grupos Focais”, Gatti apresenta alguns exemplos de trabalhos com grupos focais demonstrando que essa técnica pode ser utilizada em várias áreas do conhecimento. O primeiro exemplo foi a realização de uma pesquisa de Wagner *et al.* (2002, p. 137-150) com adolescentes com idade entre 12 e 15 anos, nessa pesquisa o objetivo dos autores era “conhecer, na ótica do jovem, como se processa a comunicação em suas famílias, revelando os aspectos facilitadores e dificultadores” (Gatti 2005, p. 57), no estudo citado a autora apresenta, passo a passo, a realização do trabalho.

O segundo exemplo foi o de Souza (2003), nesse caso foi realizada uma pesquisa avaliativa com jovens entre 13 e 19 anos sobre os resultados de um projeto de integração entre gerações no Distrito Federal, esse projeto teve como objetivo “promover o bem-estar dos idosos e dos adolescentes, utilizando o processo de reminiscências como meio de integração”. (Gatti 2005, p. 62). As sessões foram gravadas e efetuadas por universitárias treinadas, a transcrição das falas foi executada pelos facilitadores juntamente com o coordenador, sendo que as análises procederam de acordo com o tema, fazendo um confronto com a literatura sobre a questão.

O terceiro exemplo foi o de Pedrosa e Teles (2001) que tiveram como objetivo detectar consensos e diferenças em equipes do Programa Saúde da Família, nesse exemplo os pesquisadores trabalharam com pessoas do sexo feminino e masculino incluindo médicos, enfermeiras e agentes de saúde, trabalharam no desenvolvimento do estudo com quatro grupos focais com um número de 8 a 12 membros. O quarto exemplo foi a pesquisa de Schiessl e Sarriera (2000) que utilizaram o “grupo focal para subsidiar a elaboração de um instrumento que viria a se constituir o meio principal de coleta de dados em sua pesquisa”. (Gatti 2005, p. 64). Nesse caso, o grupo focal foi utilizado na primeira etapa, logo após utilizaram a revisão de literatura que, junto com o grupo focal, possibilitou a construção de um questionário que foi aplicado, posteriormente, a uma amostra grande de alunos das redes pública e particular.

O quinto exemplo foi o emprego significativo do grupo focal realizado por Pizzol (2003) para a tipificação de sistemas de produção agrícola, com produtores rurais e engenheiros agrônomos cujo objetivo era “compreender sistemas de produção típicos, a partir dos conhecimentos e das percepções de quem interage com diferentes sistemas de produção e intuitivamente consegue diferenciá-los”. (Gatti 2005, p. 65) O último exemplo foi o de Lima, Bucher e Lima (2004) que realizaram uma pesquisa envolvendo 228 pessoas distribuídas em 13 grupos focais, o destaque foi a interface entre a área de saúde, a área social e a psicologia; o objetivo foi abordar a hipertensão arterial, ou seja, analisar a hipertensão sob o olhar de uma população carente, levando em consideração seus conhecimentos, atitudes e práticas. É importante ressaltar que, para o trabalho com grupos focais, são necessárias bases teóricas para subsidiar as análises e que alguns cuidados precisam ser tomados com relação à formação e condução dos grupos, exigindo do pesquisador conhecimento, experiência como também características pessoais de empatia de forma que as discussões nas sessões possam fluir, possibilitando o alcance dos objetivos propostos.

No capítulo 5: “Potencialidades e Limites”, a autora aborda a preocupação que tem surgido entre os pesquisadores mais experientes sobre o uso do grupo focal sem se utilizar os requisitos básicos para essa investigação. Fato é que tem se usado o nome de grupo focal, mas o que há é a realização de entrevista coletiva altamente direcionada com o grupo. Gatti aponta alguns pontos positivos e negativos quanto ao trabalho com essa técnica. Ela vê como positivo o fato de o pesquisador ter a oportunidade de compreender por que

certo ponto de vista torna-se preponderante e como fato negativo o pouco controle que o pesquisador tem sobre os dados que emergem.

O trabalho com essa técnica pode, segundo a autora, trazer benefícios também para os participantes do grupo, tais benefícios seriam: a ampliação do círculo de amizades, ampliação de informações sobre o estudo em foco, a oportunidade de se envolver em processos decisórios, como também interagir com pesquisadores em uma condição diferenciada, como *experts* no assunto em pauta.

Por fim, o trabalho com grupos focais é uma técnica que vem sendo muito usada pelos pesquisadores, tanto como instrumento principal de investigação quanto como um dos instrumentos da pesquisa. O importante é o pesquisador ter em mente as potencialidades e limites dessa técnica. Nesse âmbito, o pesquisador necessita de ser bem preparado, usar um referencial teórico consistente para embasar os estudos e não perder de vista os cuidados que precisa levar em consideração ao utilizar essa técnica de investigação.

O trabalho com grupos focais possibilita, ao pesquisador, captar um conjunto de informações concretas de diferentes naturezas, abarcando conceitos e preconceitos, opiniões e ideias, valores, sentimentos e ações, voltados para o objetivo da pesquisa. Na análise, ele precisa ter cuidado com a forma de condução de modo que não influencie nos resultados ou os use de forma muito simplista, ou os fragmentando de maneira a utilizar aquilo que é de seu interesse, direcionando assim os resultados que deseja alcançar. O pesquisador deve ter cuidado ainda para não cair em opiniões superficiais e preconcebidas, ou seja, um trabalho de qualidade com grupos focais leva em conta a atenção durante a coleta de dados, a forma de lidar e interpretar esses dados, no momento das análises, e o uso de um referencial bibliográfico de segurança que embasa as argumentações e conclusões alcançadas na pesquisa.

É um livro de fácil leitura, haja vista que a autora apresenta as ideias de forma clara, com riqueza de informações, o livro pode ser utilizado por alunos de graduação, iniciação científica, alunos de pós-graduação como também por pesquisadores que se interessam pela temática. Ressalta-se a importância de se conhecer e utilizar, nas pesquisas em ciências sociais e humanas, esse tipo de técnica tanto como o principal instrumento de investigação quanto para apoiar a construção de outros instrumentos, pois essa técnica permite analisar a realidade de determinados grupos sociais, suas práticas e comportamentos. Isso posto, o trabalho com grupos focais permite a interação de maneira que os

participantes possam argumentar, explicar sua forma de pensar, suas ideias, assegurando o objetivo de se trabalhar com essa técnica de investigação.